

TABULEIRO DE LETRAS

Desejo e Amor entre Iguais na Contística do Século XX

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX**. São Paulo: Scortecci, 2015.

Maristela Rodrigues Lopes¹

O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX é uma obra de crítica literária e cultural publicada pela Scortecci em 2015, cujo autor é Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes, professor e crítico literário. Fernandes é graduado em Letras e mestre em Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba. Faz parte do corpo docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, na Unidade Acadêmica de Garanhuns, lecionando Literatura Brasileira e Portuguesa. Além disso, é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Embora esse seja o seu primeiro livro, Fernandes tem uma produção de quase uma década acerca de literatura brasileira e representação de grupos não-hegemônicos. Segundo o autor, sua produção está divulgada em eventos, em revistas acadêmicas e em livros de pesquisa. Como docente e crítico literário, volta-se para um debate de promoção à igualdade de gênero e de sexualidade por meio da literatura, que sempre foi seu objeto de estudo e devoção (FERNANDES, 2015a).

A obra está estruturada em Introdução, cinco capítulos e Considerações Finais. Logo na Introdução, Fernandes (2015) enfatiza o texto literário, já que a literatura é capaz de problematizar os sujeitos e a sociedade da qual fazem parte, levando à compreensão do próprio ser humano. Nesse sentido, as relações amorosas e eróticas são mencionadas como um forte aspecto do ser humano, que são plasmadas e problematizadas na literatura, além de serem motivo literário universal. No entanto, existem formas de amar diferentes: as aceitas e as interditas na ordem social. O amor entre iguais fulgura como um desse tipo e, geralmente,

¹ Mestranda do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus – BA. E-mail: lopes.maristela@hotmail.com

associado a um comportamento doentio e imoral, é silenciado e julgado. Assim, a recepção da temática homoerótica na literatura também provoca reações adversas, como se percebe nas obras *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e *O poço da solidão*, de Radcliff Hall.

Fernandes (2015, p. 11), ao discutir a temática da diversidade sexual na literatura, pretende dar visibilidade a “uma subjetividade sempre presente nas sociedades”. Ele acredita que a leitura dessa temática “pode também ser uma forma de compreender a intimidade dos sujeitos homoeróticos, não pelo viés da autoria, mas pelo viés do texto e da configuração da realidade que, por meio da verossimilhança, é materializada nas personagens de ficção” (FERNANDES, 2015, p. 11). Para tanto, o autor procurou mapear, de forma inovadora, a trajetória das configurações do homoerotismo na literatura. Delimitou o século XX como recorte temporal e tomou o gênero literário conto como *corpus* de descrição e análise a partir de duas categorias: a personagem de ficção e o desejo homoerótico. A escolha desse tipo de desejo como um dos focos de observação deve-se às “influências teórico-críticas dos estudos gays e lésbicos, sobretudo, pelas discussões postuladas por Eve Kosofsky Sedgwick” (FERNANDES, 2015, p. 13). Portanto, o objetivo central do livro é “descrever e analisar o desejo homoerótico vivido pela personagem de ficção em contos brasileiros do século XX” (p. 14). Ademais, busca-se comparar e discutir semelhanças e diferenças entre as obras, bem como compreender as diversas formas de configurar temas dessa natureza e de construir personagens homoeróticas – masculinas e femininas – nos dez textos que formam o *corpus*.

O Capítulo 1 é de caráter bibliográfico e está dividido em três seções. Na primeira, o autor trata “das terminologias utilizadas para se referir às pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com seu igual e as implicações políticas que cada uma enseja” (FERNANDES, 2015, p. 19), tendo o cuidado de contextualizá-las e justificá-las. Embora o termo “homossexualismo” seja o mais recorrente, o autor prefere *homoerotismo* e sua forma adjetiva *homoerótico*, uma vez que são mais abrangentes “para descrever de maneira mais produtiva a pluralidade de práticas e desejos entre pessoas do mesmo sexo” (p. 23) e não trazem subjacentes a eles uma carga semântica negativa.

Na segunda seção, Fernandes (2015) fala sobre o conceito de desejo e o que se entende pela expressão *desejo homoerótico*. Para corresponder a esse intento, recorre a teóricos que tratam da noção de desejo e chega à conclusão relacionando as contribuições de Marilena Chauí, Jeffrey Weeks e Sedgwick, para afirmar que o desejo homoerótico “diz respeito a um

conjunto de ações e sentimentos que um indivíduo direciona para um outro de mesmo sexo, com implicações afetivas e sexuais” (FERNANDES, 2015, p. 42).

Na terceira seção, o foco recai sobre personagem e narrador, elementos essenciais da narrativa, os quais são conceituados e classificados. O autor enfatiza a importância das personagens de ficção – esses “seres de papel” que problematizam questões socioculturais e refletem as vivências dos seres humanos –, já que, por meio delas, é possível discutir questões culturais. Ressalta também a interação e tensão entre as “vozes do texto” representadas pelas personagens principais, secundárias e pelo narrador. Ao discorrer sobre vozes, o autor amplia a discussão com o pensamento de Bakhtin acerca dos tipos de discurso.

O Capítulo 2 principia a descrição e análise das obras, a partir das primeiras décadas do século XX (1900-1920). O autor o inicia afirmando que relações afetivas / sexuais entre iguais sempre existiram no Brasil e que, no século XX, com o processo de urbanização e industrialização essas relações ganham mais proporção. Fernandes, antes de tratar especificamente do período em questão, recua no tempo e cita obras que já abordavam temática homoerótica: obras que vão do século XVI como o poema “Nise”, de Gregório de Matos, ao ano de 1900 com os contos “Impotência” e “Ódio”, de João do Rio.

Os contos escolhidos para análise nesse capítulo foram “Pílades e Orestes” (1906), de Machado de Assis, “História de gente alegre” (1910), de João do Rio, e “O menino do Gouveia” (1914), de Capadócio Maluco. No primeiro, constata-se a sublimação do desejo homoerótico, sendo camuflado pela amizade entre homens. No segundo, percebe-se, além da negativização da relação entre lésbicas, o desejo homoerótico associado à prática sexual, à prostituição, ao vício e à doença, restando aos pares homoeróticos a morte e a loucura como punição. Já na terceira narrativa, rompendo com o cânone da época e transgredindo a concepção binária da sexualidade, tem-se a subversão desse desejo na personagem Bembem.

No Capítulo 3, correspondendo às décadas de 1930-1950, encontra-se a análise dos contos “A grande atração” (1936), de Raimundo Magalhães Jr., “Frederico Paciência” (1947), de Mário de Andrade, e “A moralista” (1957), de Dinah Silveira de Queirós. As narrativas escolhidas desse período problematizam um viver estratégico para burlar o sistema de regras imposto pela sociedade e dar vazão aos desejos proibidos. Nesse contexto, o sujeito homoerótico é posto diante do dilema: viver ou não o desejo homoerótico. Se decidir por vivê-lo, é preciso enfrentar e burlar as regras. Caso contrário, é preciso sublimar, negar ou “curar” esse desejo.

Assim sendo, as personagens homoeróticas das narrativas desse capítulo materializam as seguintes abordagens: o protagonista Luigi Bianchi, de “A grande tentação”, encontra uma forma de viver seu desejo homoerótico – é travesti no circo de sugestivo nome: Politeama; já as personagens de Mário de Andrade procuram bani-lo, evidenciando o conflito e a não resolução desse desejo; por fim, em “A moralista”, em que a autora relaciona disciplina, religião e homoerotismo, a personagem é submetida a um processo de “cura” desse “mal”, e isso resulta em sua morte – por sinal, misteriosa: suicídio por não suportar a repressão ou assassinato motivado pela homofobia? Não importa: sua morte configura a materialização da punição, por não apresentar um comportamento heteronormativo.

No Capítulo 4 – “Ainda sob o jugo da condenação: décadas de 60, 70 – revolução e repressão sexual” –, o “ainda” indica que, mesmo num contexto mais revolucionário, em que se percebe com mais força o engajamento artístico e político dos sujeitos homoeróticos, o rechaço ao homoerotismo continua nas décadas subsequentes. A discussão apresentada por Fernandes (2015, p. 173) “procura levantar as disparidades entre esses dois polos incrustados na relação do homoerotismo com a sociedade: revolução e repressão”. A análise concentra-se nos contos “Paixão segundo João” (1969), de Dalton Trevisan, e “Ruiva” (1978), de Júlio César Monteiro Martins. A primeira narrativa é um exemplo da (auto)repressão, que impede a concretização do desejo homoerótico entre Pedro e João. Opostamente, a segunda narrativa é o retrato da transgressão: o protagonista e relojoeiro Juarez Moreira sai de Montes Claros-MG em direção a São Paulo para transformar-se na travesti ruiva chamada Gina, em busca de amor e liberdade. No entanto, na tentativa de ser ela mesma, descobre que, mesmo numa cidade grande, é difícil a vida dos travestis, geralmente vítimas do preconceito e da violência.

Concentrando-se no fim do século XX (1980-1990), em que se percebe maior visibilidade do desejo homoerótico, no Capítulo 5 analisam-se os contos “Terça-feira gorda” (1982), de Caio Fernando Abreu, e “Família” (1997), de Rubem Fonseca. O enredo do conto “Terça-feira gorda” gira em torno de duas personagens masculinas que, numa festa de carnaval, começam a trocar olhares e, posteriormente, carícias mais íntimas. E isso acontece diante da multidão, tornando público o desejo homoerótico tão reprimido na sociedade. Não há sublimação, disfarce, negação, estereotipação. Contudo, aqueles que estão em volta iniciam os pré-julgamentos e cometem uma barbárie, instigada pela violência do sentimento homofóbico. O desfecho trágico em pleno carnaval revela o paradoxo da sociedade e a necessidade de revisão dos paradigmas sociais (FERNANDES, 2015).

Em “Família”, percebe-se uma relação lesbiana entre a protagonista Dora e Eunice, num contexto em que esse tipo de relacionamento também não é aceito. Entretanto, diferentemente do casal do conto anterior, Dora consegue libertar-se desse contexto e vive seu desejo homoerótico, formando uma família com sua companheira. Esse é o caso da homoparentalidade tão discutida nos dias atuais, mas ainda tão questionada pelos conservadores, por representar uma ruptura no modelo tradicional de família. É, pois, um conto que apresenta uma perspectiva inovadora, ao contemplar os anseios dos seres reais por meio dos “seres de papel”.

Nas Considerações Finais, dentre outros aspectos, Fernandes (2015) aponta possíveis semelhanças e diferenças entre as narrativas analisadas. Além disso, em suas últimas palavras, lembra “o sistema excludente que relega ao silêncio textos com temas concebidos como ‘escabrosos’ e que fogem aos critérios de formação de nosso cânone literário” (FERNANDES, 2015, p. 248). Nesse sentido, pode-se dizer que, com *O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX*, o autor dá visibilidade não somente a textos desconhecidos por boa parte do público leitor, mas também a um tema quase intocado nos espaços conservadores.

Dessa forma, Fernandes contribui não apenas com a Academia, mas também com a sociedade de um modo geral. Por se tratar de uma obra acadêmica, seus leitores geralmente são pesquisadores, estudantes de Letras ou interessados em literatura ou em temática homoerótica. Todavia, a reflexão proporcionada pela leitura vai além dos “muros” e, certamente, desvelará concepções arraigadas que negam a existência do *outro* e tornam a sociedade cada vez mais incomunicável e intolerante. Portanto, cabe aqui lembrar as palavras de Todorov (2010, p. 34), quando este diz que “reconhecer a pluralidade dos grupos, das sociedades e culturas humanas, colocar-se no mesmo plano dos outros, faz parte da civilização”. Por outro lado, retrair-se em si mesmo e recusar-se a conhecer o outro são indícios de barbárie (TODOROV, 2010). Assim, ao tratar do amor e do desejo entre iguais, o autor, implicitamente, propõe uma sociedade mais civilizada, menos bárbara.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX**. São Paulo: Scortecci, 2015.

_____. Entrevista com Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes. [Fevereiro de 2015]. Entrevista concedida ao Portal do Escritor. Disponível em: <

<http://portaldoescritorscortecci.blogspot.com.br/2015/02/entrevista-com-carlos-eduardo.html>>. Acesso em 12 de fev. de 2016.

TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros**: para além do choque das civilizações. Trad. de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Recebido em: 27 de setembro de 2016.

Aceito em: 20 de novembro de 2016.